

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 31 DE MAIO DE 1999

*Senhor Ministro José Serra; Senhores Parlamentares; Senhores Homenageados; Autoridades da área da saúde; Senhores e Senhores,*

Realmente, um dia como hoje, que é o Dia Mundial contra o Tabagismo, requer uma participação direta, pessoal, embora de caráter simbólico, tanto do Ministro da Saúde quanto do Presidente da República.

Na verdade, o Ministro expôs com clareza, como sempre o faz, as razões pelas quais estamos prestando essa homenagem aos Senhores que receberam esse diploma e manifestando, de público, o nosso apoio a essa campanha. Essas razões são óbvias: trata-se do bem-estar da população, de cada pessoa.

Não é o fato de que o Ministro da Saúde não fume, nem eu, e de que sejamos lutadores pessoais contra o fumo, que nos faz organizar esta cerimônia. É algo muito mais profundo. É a convicção de que, efetivamente, o cigarro é droga, no duplo sentido. É uma coisa que faz mal e que vicia.

Poderá haver dificuldades. Poderá haver transtornos econômicos no combate ao tabagismo. Mas eu vinha, ainda hoje, essa madrugada, do México, e lá estavam os presidentes de alguns países, alguns dos quais são países produtores de droga. É muito mais caro eliminar a droga e é muito mais difícil a reconversão agrícola nas áreas de plantação desses produtos que geram drogas do que, pura e simplesmente, reorganizar a produção do tabaco. Não será por isso, portanto, que deveremos parar com uma campanha que visa, não ao lucro, mas que visa à saúde de cada pessoa.

É fundamental que se tome consciência dos males causados pelo tabagismo. O Ministro Serra indicou alguns. Como não sou médico, como ele, não ousaria nem sequer mencionar aqueles poucos que ele mencionou. Haverá muitos outros, porque, realmente, o que disse o Ministro redundava na compreensão dos não-médicos. Na verdade, não se trata apenas do malefício em si mesmo. O tabagismo causa uma cadeia de problemas. E sua junção com, eventualmente, a utilização de alguns medicamentos ou de pílulas, como o caso aqui citado, produz outros malefícios que não podem ser encarados com frieza por parte da autoridade pública no Brasil.

Autorizei, efetivamente, que o Ministério tivesse maior liberdade no uso das frases, no sentido de dizer que o tabaco faz mal à saúde, porque a repetição pura e simples de que o cigarro é nocivo à saúde acaba por não transmitir mensagem nenhuma, porque se automatiza. E nós queremos, efetivamente, que essa campanha tenha um efeito psicológico profundo na população brasileira.

Também chama a atenção o fato de que, cada vez mais, pessoas mais jovens começam a fumar e que, cada vez mais, as mulheres começam a fumar. Isso significa que estamos universalizando um vício que toda a gente sabe que causa malefícios. E não podemos assistir de braços cruzados à propagação de algo tão daninho à população brasileira quanto o tabagismo.

Vamos levar adiante essa campanha. Vamos fazer o que o Ministro indicou, na legislação, um esforço grande para que o Congresso aprove uma restrição ainda maior na propaganda do tabagismo

pela televisão e pelo rádio, independentemente de quanto isso possa custar e os “prejuízos” que isso possa infringir àqueles que se beneficiam da disseminação do tabagismo.

Não é uma questão, não é uma causa que possa ser, simplesmente, encarada como se fosse apenas mais um problema. É um problema grave. O tabagismo e a sua generalização, realmente, se transformaram em problemas graves da sociedade contemporânea.

Termino dizendo que estou também confiante, como está o Ministro Serra, de que é uma questão de décadas, mas isso vai ter que terminar, porque, assim como vimos, em outros setores do comportamento humano, a insistência na tomada de consciência dos malefícios que podem causar leva, efetivamente, à modificação de práticas de comportamento. Tenho certeza de que essa insistência de nossa parte vai ajudar nessa tomada de consciência. Obviamente, não se trata, apenas, de uma decisão de governo. Ela não teria força suficiente para se transformar numa realidade. Mas se trata de uma decisão que depende do comportamento de cada um, de cada família. Depende, efetivamente, de um apoio da sociedade.

Por isso, o Ministro Serra com a autoridade – aí, sim – de economista que é – na medicina eu teria minhas dúvidas, mas como economista, não – mostrou que não há o que limite a ação do Estado nessa matéria, em nome do interesse ou de uma decisão individual, que afeta a renda de cada um. Não se trata disso. Trata-se de preservar a vida. E a vida é um bem comum a ser preservado. É alguma coisa que é de responsabilidade da sociedade. E o Governo, como parte da sociedade, se solidariza com esse movimento.

Vamos todos fazer o que está escrito ali: deixar o cigarro para trás.  
Muito obrigado.